

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA-UFJF
EPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

TYRONE DOS SANTOS

**A FUNDAÇÃO DA ALDEIA MANGA: HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA SOBRE O
PÓS 500 ANOS DA COLONIZAÇÃO.**

**Juiz de Fora
Julho-2019**

TYRONE DOS SANTOS

**A FUNDAÇÃO DA ALDEIA MANGA: HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA SOBRE O
PÓS 500 ANOS DA COLONIZAÇÃO.**

Artigo de Intervenção apresentado ao curso de História e Cultura no Brasil Contemporâneo, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção de notas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves.

**Juiz de Fora,
Julho-2019**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Tyrone dos.

A fundação da aldeia Manga: História de resistência sobre o pós 500 anos da colonização / Tyrone dos Santos. -- 2019.

13 f.: il.

Orientador: Leandro Pereira Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo, 2019.

1. História. 2. Memória. 3. Fundação. 4. Aldeia. 5. Povos Indígenas. I. Gonçalves, Leandro Pereira, orient. II. Título.

A FUNDAÇÃO DA ALDEIA MANGA: HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA SOBRE O PÓS 500 ANOS¹ DA COLONIZAÇÃO.

Aluno: Tyrone dos Santos
Orientador: Leandro Pereira Gonçalves
Tutora: Camila Gonçalves da Silva Figueredo

O presente trabalho será apresentado no final do curso da especialização de história e cultura no Brasil contemporâneo - (Cead/UFJF/Polo de Bicas). E após a análise da banca, será traduzido para o Kheuol língua indígena karipuna (do estado do Amapá) e o mesmo será apresentado na área indígena de modo especial nas escolas indígenas da terra indígena Uaçá (será marcado os dias e horários com os diretores, pedagogos e professores), em Assembleias (ocorrem duas assembleias anualmente de avaliação e a geral) e nas Reuniões comunitárias (Ocorre mensalmente).

Por isso tem como ponto de partida a fundação da aldeia manga, mediante a seguinte pergunta histórica, qual a história que podemos contar nos dias atuais, tendo como base os períodos e transições históricos sobre o pós 500 anos ou cinco séculos de resistências aos povos indígenas do Brasil? e outra questão na mesma linha de raciocínio, por que ainda são visto como “índios”, depois de todo esse tempo transcorrido.

Sendo assim, o respectivo tema, tem como foco a etnia indígena do povo Karipuna², de modo especial a aldeia Manga, família essa que ainda são resistentes, por mais de 500 anos de dominação enquanto se declaram como indígenas que fazem parte da história do povo brasileiro. A etnia karipuna localiza-se no norte do Amapá, conforme a imagem abaixo (figura 01).

Essa comunidade faz parte do baixo região do Oiapoque na Terra Indígena Uaçá, que faz fronteira com a Guiana Francesa. Por intervenção desse tempo, preservam seus costumes tradicionalmente como seus rituais e mitos que, de sua

¹ Esse título a Fundação da Aldeia Manga, se refere a fundação da aldeia no ano de 1973. E o subtítulo é porque faz parte da história dos povos indígenas desde segundo os relatos historiográficos de 1500 quando ocorre o encontro com outras culturas como os colonizadores portugueses, e assim, os nativos não de resistir até os dias atuais.

² O povo Indígena Karipuna-AP é formado atualmente por 27 aldeias como: Espírito Santo, Santa Izabel, Açaizal, Zacarias, Inglês, Mahipá, Txipidon, Paxiubal, Bastião, Campinho, Kutiti, Tauahu, Xato, Bovis, Taminã, Japim, Piquiá, Curipi, Estrela, Ariramba, Kunanã, Jondef, Arumã, Encruzo, Karia, Benuá e a aldeia Manga.

memória histórica, estão presentes nos dias atuais de forma memoráveis, assim Le GOFF afirma,

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 423).

E sob o mesmo modo o povo Karipuna, “Lá” na aldeia Manga, em suas memórias ainda demonstram um reflexo do processo de resistência através dos cinco séculos desde o contato com os portugueses, questão essa que é ponderada a partir de sua história e memória, da mesma forma, cogita José D’ Assunção,

(...) é precisamente o lugar privilegiado para examinar as múltiplas relações entre Memória e História. Trataremos aqui de uma relação ambígua, complexa, mutuamente enriquecedora para cada um dos dois polos – a História e a Memória. Desde já, será oportuno atentar para o fato de que, se Memória e História são coisas distintas e geram espaços de saber diferenciados, tal como já propunham autores como Maurice Halbwachs, em meados do século XX. (BARROS, 2009. p. 36).

Ou seja, a aldeia Manga representa mais um dos povos indígenas, na linha de perspectiva dessa interpretação bilateral, isto é, da sua história e memória, sendo diversificadas e convergentes, entretanto, no mesmo local, partilham uma mesma história, e conservam, como preservam o passado histórico nos costumes e tradições.

Sendo assim, segundo descrições de parentes e antigos moradores, a Aldeia Manga foi fundada no verão de 1973 pelo senhor Florêncio, acompanhado de sua esposa, filhos e genros. O motivo que os levou a chegar e fixar moradias nesse local foram às buscas constantes por áreas de terra firme e produtivas que serviriam para a abertura de novas roças³, no entanto, as antigas roças da família nas

³ Pedado de terra que é cultivado da mániva, ou, raiz da mandioca, entre outras frutas como banana, inhame, pimenta.

proximidades da Aldeia Santa Isabel, haviam muitas formigas, um dos motivos que os fizeram sair de Santa Izabel e fundarem a aldeia Manga.

Em 1981, oito anos depois já é possível perceber uma organização naquele espaço, com muita luta e sacrifícios nos movimentos dos líderes buscando o bem-estar daquela comunidade.

Como conquistas começam a aparecer a sede da Funai na própria aldeia, para controlar a entrada e saída das coisas, construíram uma enfermaria, uma casa de motor de luz, receberam uma lancha com motor de popa, a casa da cooperativa, um campo de futebol, a capela da igreja católica, essas coisas em um curto espaço de tempo (como é demonstrado na imagem 02 abaixo). Nessa imagem, já podemos observar algumas roças nas proximidades das casas, e nada mais os incomodava, como as formigas.

E outras atividades locais como lá, há, os indígenas caçam, pescam, colhem os frutos que plantam e partilham entre si, têm o contato também com o meio urbano, entretanto, como nos dias atuais, fazem a comercialização de seus produtos como a farinha de mandioca, mas ainda fazem algumas trocas de seus produtos na cidade de Oiapoque e Saint Jorge (Guiana Francesa, estado ainda dependente da França).

Há o ritual do Turé, momento único e festivo onde dançam, cantam na língua antiga (original, ou seja, em Karipuna), e fuma-se o Tahuari, juntos com os Karuãnas, seres invisíveis, ocorrem sempre nos momentos da lua cheia, com seus belos ornamentos e suas diversificações de pinturas gráficas em seu corpo, assim é visto nos ícones abaixo (3,4 e 5).

Outras questões também que é percebido, são as misturas, por causa da dita “miscigenação”, por via dos 500 anos com o “não indígena”, que ao longo do tempo foram casando com os descendentes de africanos, portugueses, franceses e holandeses.

E há momento para ser lembrado e recordar no presente, o passado, ocorre juntos em volta de uma fogueira ou apenas sentados, como no casarão (forma de uma casa-grande que se reúnem para fazer as reuniões, as festas e as assembleias) e ouvindo histórias, mitos e lendas como do curupira, dos rios e lendas de como tudo começou a existir. De modo especial falando no Kheuol, língua oficial atualmente, e de contato com a Guiana Francesa e outras tribos como os Galibi Marworno e Palikur, como também falam o Português.

Também para a história dos povos indígenas, no ano de 2008 os povos indígenas do Oiapoque-AP, organizaram um plano de Vida⁴ para refletir sobre a resistência na saúde, educação, produção e outras atividades, como território e meio ambiente, cultura e movimentos indígenas. E juntamente presente neste encontro representante dos Karipunas (os caciques e conselhos). Nesse registro encontra-se como consideração final, o Mito da Cobra-Grande, que conta a origem da terra indígena Uaçá, assim foi narrado,

“Há milhares de anos não existia o Rio Uaçá, era tudo mata. Naquele tempo existia uma grande cobra de três cabeças chamada Uaçá, que vivia só no mar, era muito gorda e tinha dois filhotes na barriga. Certo dia essa cobra resolveu entrar na mata, entrou próximo à Ponta do Mosquito, foi embora para dentro da mata e por onde ela passava, transformava-se em rio; chegando onde é o Encruzo, teve que parar, pois naquele momento iam nascer seus filhotes. Nasceu então um filhote e não demorou muito tempo, foi embora da mãe seguindo o pôr-do-sol. O caminho deste filhote também se transformou em rio, que hoje é conhecido como o Rio Curipi. A cobra-mãe diminuiu de tamanho e também foi embora, seguindo outro rumo. Ao chegar onde é a boca do Urucauá, nasceu o outro filhote, que também foi embora seguindo o mesmo rumo que o irmão, o pôr-do-sol. Atualmente é chamado de Rio Urucauá. A cobra Uaçá ficou muito magra, mas mesmo assim continuou sua caminhada. No meio do caminho, todo tipo de animal que ela encontrava, comia e com isso ela ia engordando de novo. Passando pela montanha Tipoca, já estava um pouco gorda, até chegar à aldeia Kumarumã. Estava bem gorda mesmo e continuou andando sem destino algum. Depois de algum tempo caminhando e comendo, essa cobra ficou doente. Ela não conseguia comer nada, com isso começou a emagrecer de novo. Mas Uaçá era uma cobra que não gostava de ficar parada. Mesmo doente continuou andando por muitos anos, até não conseguir andar, nem se mexer. Daí em diante a cobra não se moveu nem um pouco e morreu. É assim o fim da cobra Uaçá e o fim do Rio Uaçá.”
(APIO. Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque, 2009).

O mito da cobra-grande é conhecido por muitos da terra indígena Uaçá. Esse mito foi contado por Felizardo dos Santos e Davi Felisberto dos Santos, um falava na língua indígena e o outro fazia a tradução para o Português. Ela faz parte do acervo Kuahi, Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque.

⁴ Montaram uma cartinha.

Por consequência desse tempo transcorrido o mito demonstra toda uma simbologia oculta, fazendo assim, pensa em uma inflexão⁵ do tempo em que vivencia, que configura-se a partir de vários períodos e transições históricas. E em decorrência daquilo que é ensinado na escola, nos níveis fundamentais e médio, da antiga à média, da moderna à contemporânea, entretanto, voltado mais para uma educação eurocêntrica, e não valorizando uma educação mais indígena brasileira.

Na narrativa falam de “há milhares de anos”, questão essa que convém ser ensinado, entretanto, não ensinar mais a partir de 1500 para cá, porém 1500 marca o encontro sangrento com os portugueses, isso não é levado em conta no ensino e aprendizagem da escola básica. Então, para esse ensino, os povos indígenas só começaram a existir nos relatos históricos a partir de 1500, período do século XVI, que é conhecido historicamente como início da modernidade, tempos de grandes navegações e novas descobertas pelo planeta Terra.

Sendo assim, os Ibéricos queriam chegar as Índias por outra rota marítima. A Índia é um país que naquela época além de uma rica cultura, exportavam e produziam grandes quantidades de condimentos, entre outros interesses de produtos, é claro. Aportando assim, nas terras brasileiras, catequisaram, pregaram suas crenças, apelidando assim os nativos avistados por eles desde então de “índio”. O significado do termo “Índio” ainda continua carregado de preconceitos nos dias atuais.

Processo esse que logo apresentaram novas roupas, espelhos, armas de fogo, bebidas diluídas, guerras, doenças e uma nova história de resistência, sendo assim, podendo dizer resistência aos remanescentes, após cinco séculos.

E outro fato ainda, no sistema educacional brasileiro, são lembrados poucas vezes na semana que antecede o dia 19 de abril (segundo o calendário “é dia do Índio”), e mais, muitos da vezes, são lembrados de modo folcloricamente, pintando seus alunos com duas marcas nos rostos e com um papel simbolizando um coca, com um formato de uma pena nas cabeças das crianças, as futuras mentes pensante da história.

Porém, há outros registros históricos que atualmente são validos que reclamam tais e quais tempos esses, tendo como fonte segurar, isto é, a Memória, uma ferramenta que guarda momentos longínquos, como no mito apresentado

⁵ Termo usado no texto História e memória – uma confluência entre espaço e tempo, por José D’ Assunção Barros, na página 36.

acima, que podem ser lembrados. Pode-se falar assim, de uma época de períodos antigos pré-cabralino, no Brasil, assim lembrar D' Assunção no início de seu texto,

“O tríplice problema do tempo, do espaço e do homem constitui a matéria memorável”. Com essas palavras, registradas a certa altura de seu ensaio *Le Geste et la Parole* (1964-1965, p.68), o antropólogo e arqueólogo Leroi-Gourhan (1911-1986) refere-se aos usos da memória nas grandes civilizações da Antiguidade – da Mesopotâmia e do Egito faraônico à antiga China Imperial e às diversas sociedades da América Antiga. Na verdade, desde que recoloquemos as expressões “tempo” e “espaço” em uma perspectiva já contemporânea, pode-se dizer que ainda teremos nesta tríplice relação entre “espaço”, “tempo” e “homem” o ponto nodal não apenas do “memorável contemporâneo”, mas também da hoje imprescindível reflexão sobre a Memória Coletiva e suas relações com a História. (BARROS, 2009. p. 35).

No entanto é o que SCHWARZ (1973) vai dizer que as Ideias estão fora do lugar, ou seja, fora do seu contexto, é uma forma de perceber que nesse cenário sócio-cultural brasileiro que vindo de outro lugares tentam fazer dessas terras suas, como tentam os colonizadores (portugueses), ao dizer que o Brasil foi descoberto (termo “descobrimento”, símbolo de uma versão histórica impregnada de eurocentrismo). Entretanto, não começa em 1500, sendo assim, Leandro Vieira (G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, 2019, p. 313) carnavalesco da mangueira afirma,

Comemoramos 500 anos de Brasil sem refazermos as contas que apontam para os mais de 11.000 anos de ocupação amazônica, para os mais de 8.000 anos da cerâmica mais antiga do continente, ou ainda, sem olhar para a civilização marajoara datada do início da era Cristã. Somos brasileiros há cerca de 12.000 anos, mas insistimos em ter pouco mais de 500, crendo que o índio, derrotado em suas guerras, é o sinônimo de um país atrasado, refletindo o descaso com que é tratada a história e as questões indígenas do Brasil. Não fizeram de CUNHAMBEMBE – a liderança tupinambá responsável pela organização da resistência dos Tamoios – um monumento de bronze. Os índios CARIRIS que se organizaram em uma CONFEDERAÇÃO foram chamados de BÁRBAROS. Os nomes dos CABOCLOS que lutaram no DOIS DE JULHO foram esquecidos. Os Índios, no Brasil da narrativa histórica que é transmitida ainda hoje, deixaram como “legado” cinco ou seis lendas, a mandioca, o balanço da rede, o tal do “caju”, do “tatu” e a “peteca”.

Por outro lado, por intervenção desse tempo, para história, faça-se reflexões de um período pós-cabralino, nos dias atuais, desde quando se deu a ancoragem da coroa portuguesa nessas terras que é conhecida por muitos de Brasis. Houve muitas contendas, mas, os povos indígenas resistem e existem, com lá no norte do Amapá, uma a aldeia, que faz parte da tribo Karipuna, a aldeia manga, é uma etnia indígena que cujos antepassados sofreram amargamente o contanto com os portugueses.

Pois, junto a um olhar histórico e questionador, observa, a partir de momentos de manifestações seja política ou festiva como no ritual do Turé, uma memória guardada e preservada, tais fatos nessa perspectiva, que nos últimos tempos vem sendo apresentado e vivenciado pelos indígenas. Fazendo assim, em si o uso do bom senso, como aquilo que é questionados por historiadores, antropólogos e sociólogos sendo críticos sobre o pós 500 anos.

METODOLOGIA PARA REALIZAÇÃO DO ARTIGO.

A pesquisa trata-se de uma trabalho qualitativo-bibliográfico, isto é, a metodologia de literaturas, **como uma forma de intervenção para a história dos povos indígenas**, abarcando também no ensino e aprendizagem na contemporaneidade, que foi baseado nas fontes presente na referência bibliográficas. Desse modo também há uma justificativa mais relevante.

Como, o que me motiva a escolher o respectivo tema como objetivo geral é lembrar da fundação da aldeia manga em 1973, como uma história de resistência após 500 anos da colonização, é o fato do mesmo modo, de ser indígena da tribo Karipuna, ao qual faz parte.

Entretanto, especificamente cresci em meio à questionamentos e observações que eram direcionados como em 1500 foi o descobrimento do Brasil? Quem são esses Índios que aqui habitavam? e mais, porque são resistentes a mais de 500 anos? No entanto, meus antepassados já existiam aqui! Pude perceber a partir daí que nossa cultura e história está sendo posta em dúvida. Atingindo assim a nossa existência como povos Indígenas, seja eu Karipuna e outros parentes em volta da gente, sofrendo de racismo e preconceitos ao se declararem como indígena.

Sendo assim, escolhi esse tema por ser o ponto ápice de nossa existência histórica, história e memória, é uma questão que sempre questionei e mal compreendia seus significados, sua metodologia e perspectivas, pois, segundo Viveiro de Castro (2003) sobre a história narrada fala que “está presente em seu cotidiano é como lembrar os acontecimentos passados e almejar a harmonia da natureza no futuro”. E a partir desse encontro festivo, como fala No Bom da festa de Tassinari (2003) “possibilita chegar a uma compreensão cosmológica da identidade Karipuna”, observando assim, nossa resistência presente, como parte integrante dos povos indígenas que estão resistindo mais de 500 anos nessas terras que chamamos Brasil.

Sendo assim, seguindo na ideia do tema proposto para a pesquisa sobre a constituição de uma aldeia indígena, percebo que há uma grande importância para o desenvolvimento desse estudo no curso de História, que se volta para uma comunidade Indígena, sendo, a tribo Karipuna quero enfatizar nossa história e a identidade sócio-cultural na memória a luz de sua cosmovisão reconhecida narrativamente.

Isso se deu mediante a seguinte questão, isto é, a pergunta: que história podemos contar nos dias atuais, tendo como base a fundação da aldeia manga, mediante os períodos e transições históricas sobre o pós 500 anos ou cinco séculos de resistências aos povos indígenas do Brasil? E Por que são vistos como “Índios”, mediante a esse tempo de 5 séculos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Questão essas, que a mais de cinco séculos desde a chegada de outros nessas terras se observa a elaborações de histórias e mais narrativas sobre os 500 anos, entretanto, por isso, na fala de Viveiro de Castro (2003) sobre a história narrada fala que “está presente em seu cotidiano é como lembrar os acontecimentos passados e almejar a harmonia da natureza no futuro”. E a partir desse encontro festivo, como fala Tassinari (2003), “é no bom da festa que lembramos a possibilita e chegar a uma compreensão cosmológica da identidade Karipuna”, observando assim, nossa resistência presente.

Uma vez que há pessoas refletindo sobre esse ponto histórico “quinhentista”, percebe-se que ao refletir sobre essa história, parte-se do momento que os colonizadores buscavam nova forma para de transitar no Atlântico.

A princípio encontram caminhos. Encontraram-se assim, um novo caminho que garantiria uma moderna rota do comércio marítimo, desde então visando não só uma rica cultura e diversa, mas todo seu ouro, prata e diamantes, encontro esse com os povos indígenas, nativos por primeiro nas terras Brasis.

Rota essa, como um novo olhar nesse caminho, a fim de clarear mais nossa compreensão para a educação fundamental e médio, pretende-se desenvolver uma indubitável investigação na história e memória, demonstrar as futuras mentes brilhantes que foram saqueadas e roubadas, os primeiros moradores dessa terra.

Pois, percebe-se que é uma questão importante para o desenvolvimento desse tema na temática histórica, pesquisando e percebendo a resistência dos povos Indígenas após os 500 anos, como fazem os karipunas da aldeia Manga, desde a chegada dos colonizadores nessas terras, e mudanças que vieram acontecendo mediante esse tempo.

Em virtude dos fatos mencionados, sobre os povos indígenas, destaque-se-a nesse artigo uma narrativa da constituição de uma aldeia, ou seja, a aldeia Manga, que faz parte da etnia karipuna, que atualmente é reflexo do processo de resistência mediante aos cinco séculos desde o contato com os portugueses, questão essa é ponderada a partir de sua história e memória. E foi esclarecido o porquê são conhecidos como índio.

Portanto, é ser levado a acreditar, em uma análise da evidência histórica que, arremetida nos dias atuais, é vista como problemática, uma questão reflexiva como ao indagar o direito a memória e a história de sua resistência e existência, ou seja, como examinar o direito histórico dos ditos “índios remanescentes”, sem cometer erros com outras culturas, por exemplo, os descendentes trazido a força de alguns países da África, que sofreram com chegada nessa Terra. Mencionando-se, uma certeza e clareza de diversidade de povos, atualmente, para ser entendido e compreendido, sendo assim, no tempo e espaço, necessita-se respostas e compreensão a tantas indagações históricas e memoráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ugo Maia; KUAHÍ, Museu (Ed.). **Turé dos povos indígenas do Oiapoque**. Museu do Índio-FUNAI, 2009.

ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE. **Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque**. Oiapoque: APIO, 2009.

BARROS, José D.' Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

BRASIL, RCNEI. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**, 1998.

BRAZIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, p. 9-25, 2003.

DA COSTA, Ricardo. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. **Revista Sinais-ISSN: 1981-3988**, v. 1, n. 02, 2007.

G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA, p. 307. Disponível em: <http://liesa.globo.com/material/materia2019/publicacoesliesa/___ABREALAS/Abre-Alas%20-%20Segunda-feira%20-%20Carnaval%202019.pdf> Acesso em 18 de Abr. de 2019.

KIRIKU e FEITICEIRA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TgRu8WLzLX0>>. Acesso em 25 de Mar. de 2019.

LE GOFF, Jacques et al. História e memória. 2003.

_____. Jacques. **Documento/monumento**. G. Einaudi, 1978.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. **Revista linguasagem, edição**, v. 18, 2012.

NARRADORES DE JAVÉ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>>. Acesso em: 25 de Mar. de 2019.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. **Ao vencedor as batatas**, v. 5, p. 9-31, 1973.

TASSINARI, Antonella M. I. *No Bom da Festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: Edusp, 2003.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ANEXOS

Figura 01: Terra Indígena Uaçá, No Brasil. Fonte: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena – IEPÉ. Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br>. Acesso em: 19 de abril de 2019.



Figura 02: Desenho da organização social do povo Karipuna na Aldeia Manga em 1981. Fonte: Ricardo (1981).

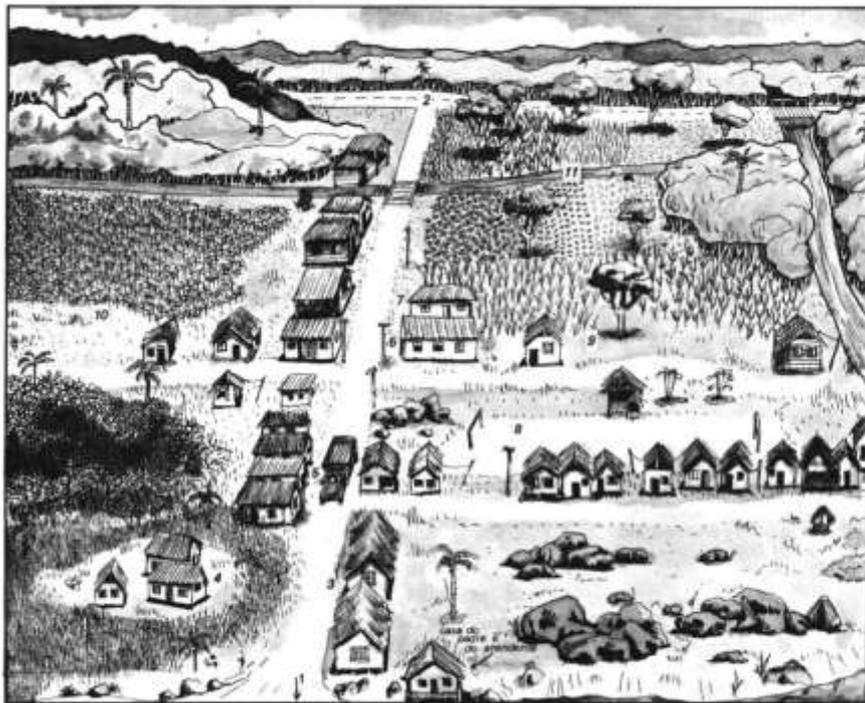


Figura 03: Ritual do Turé. Acervo do museu Kuahi (2007). “Os karuãnas estão em nosso meio”.



Figura04: as crianças também participam, acervo kuahi-2007



Figura 05: o Laku, acervo Kuahi-2007

